

[ TT00634 ]

## Como se fazia um deputado

França Júnior

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

## Como se fazia um deputado

### COMO SE FAZIA UM DEPUTADO

#### COMÉDIA EM ATOS.

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro

No Theatro Recreio Dramático, em de Abril de 1882.

#### PERSONAGENS

Major Limoeiro ..... Sr.. Bahia.  
Tenente-coronel Xico Bento, do Pau-Grande ..... Sr.. Araujo  
Henrique, bacharel em direito ..... Sr. Galvão  
Domingos, escravo de Limoeiro ..... Sr. Teixeira  
Gregório, professor público da freguesia do barro-vermelho ..... Sr. Colás  
Custódio Rodrigo, juiz de paz da mesma freguesia ..... Sr. Florindo  
Flávio Marinho, inspetor de quarteirão, idem ..... Sr. Cruz  
Paschoal basilicata, italiano ..... Sr. Montani  
Rasteira-certa, capanga de eleições ..... Sr. Costa  
Arranca-Queixo, idem ..... Sr. Mello  
Pé-de-ferro, idem, idem..... Sr. Silva  
1º votante ..... Sr. Alfredo  
2º votante ..... Sr. Pereira  
D Perpétua, mulher de Xico Bento ..... D Fanny  
Escravos e escravas da fazenda do Riacho-Fundo, votantes, capangas, povo, etc., etc.  
A ação passa-se no interior da província do Rio de Janeiro

## PRIMEIRO ATO

### I CENA

O teatro representa o terreiro da fazenda do Riacho-Fundo. À esquerda, vê-se a varanda da casa com janelas e portas, que dão para a cena; à direita, árvores; ao fundo, morros com plantações de café.

CENA PRIMEIRA

MAJOR LIMOEIRO E DOMINGOS (ao subir o pano, estão em cena escravos e escravas da fazenda, com foices e enxadas).

CORO - Oh! Que dia de pagode

Na fazenda de sinhô!

Sinhozinho chega hoje

Com a carta de doutô!

Nas senzalas satisfeitos,

Aguardente beberemos,

E, à noite, no terreiro

O batuque dançaremos

Domingos - Com crioulas e mulatas,

No feroz sapateado,

Hei de em casa de meu branco,

Trazer tudo num cortado

Ninguém bula c'o Domingos,

Que não é de brincadeira;

Quando solta uma umbigada,

Quando puxa uma fieira.

CORO- Oh! Que dia de pagode, etc, etc.

(dançam todos)

Limoeiro que durante a cena esfrega as mãos satisfeito, na varanda. - Esquenta, rapaziada! Vá o pagode arriba! Não quero ninguém aqui na pasmaceira!

(descendo a cena; a Domingos) Logo que sinhozinho apontar no capão do meio, ataquem a foguetearia.

DOMINGOS - Sim, sinhô. Está tudo na orde.

LIMOEIRO - Onde colocaste a girândola?

DOMINGOS - Na encruzilhada, sim sinhô, do lado da tranqueira. Chii! Vosmecê não imagina como está tudo bonito! Tem arco de bambu; coqueiro da banda d'aqui; coqueiro da banda d'ali. Caminho está todo capinado e folha de canela é mato!

Como se fazia um deputado

LIMOEIRO - És um Thebas.

DOMINGOS - Um escravo de meu sinhô

LIMOEIRO - E então, essa gente do Pau-Grande vem ou não vem?

DOMINGOS - Falei ontem com o seu tenente-coroné, sim sinhô, dei o recado de meu sinhô, e ele disse-me que havia de vir com sinhá dona Perpétua e com sinhá moça Rosinha.

LIMOEIRO - Já deviam estar cá. O rapaz não tarda. Retirem-se a seus postos. Hoje e amanhã não se pega na enxada. Brinquem, durmam, dancem, façam o que quiserem. Mas fiquem sabendo, desde já, que o que tomar carraspana leva uma tunda mestra.

DOMINGOS - Viva sinhô moço Henrique!

OS NEGROS - Viva!

LIMOEIRO - Dobrem a língua; digam: Viva sinhô moço Doutor!

OS NEGROS - Viva sinhô moço doutô!

(Saem com Domingos)

## IICENA

LIMOEIRO, só - Até que enfim! Aí vem o rapaz formado, com uma brilhante carreira à frente, e pronto para dar sota e basto (se não for tolo) nesta freguesia, onde a maior capacidade, depois do tenente-coronel Xico Bento com seus latinórios, é este seu criado, que mal sabe ler e escrever, mas que tem ronha como trinta. O rapaz, se quiser ser alguma coisa, há de aprender na minha escola.

Como se fazia um deputado

### III CENA

Os mesmos, Domingos, o Tenente-coronel Xico Bento, D.Perpétua, Rosinha, uma criada, com um crioulinho ao colo, e um pajem fardado, com uma caixa de folha debaixo do braço.

DOMINGOS - Correndo, com um foguete e um tição de fogo na mão - Pararam cinco burros na porteira do curral! É a gente do Pau-Grande!

LIMOEIRO - Veio a família toda. Mande que entrem para cá. (Domingos sai)

CHICO BENTO, entrando com D.Perpétua, Rosinha, a crioula e o pajem. - Ora viva o nosso major Sebastião! (Apertando-lhe a mão). *Salutis pluribus interesse te valerius.*

LIMOEIRO - Valério, não senhor, Sebastião Limoeiro, um seu criado. Como vai esta sé velha? (Cumprimenta a Rosinha e a Perpétua)

XICO BENTO - O rapaz já veio?

PERPÉTUA - Estou ansiosa por vê-lo. (Para Rosinha). Endireita este corpo, sinhá. Nunca vi coisa assim! Não tem jeito para nada!

ROSINHA - Mamãe, já principia? Se eu soubesse não tinha vindo. Está sempre em cima da gente, fucte, fucte, só catucando.

PERPÉTUA - Veja só como está este chapéu! (Admirada) O que é que tu tens nesta barriga?

ROSINHAL, com arrebatamento - Ué! Eu sei lá! Foi aquela coisa, que meu padrinho trouxe da cidade!

PERPÉTUA, admirada - As anquinhas! Ora vocês estão vendo? Senhor major, dê-me licença que entre, para arranjar esta menina.

LIMOEIRO - Essa é boa! Sem cerimônia, D. Perpétua! Entre por aí afora.

(Perpétua, Rosinha, a criada e o pajem entram para casa).

## IV CENA

LIMOEIRO E XICO BENTO

XICO BENTO - Finalmente o pequeno tomou juízo! Agora o que é preciso é muito tino e prudência nos negócios da freguesia. Libertis decuplis et anima nosri in duvido essis. Isto vai mal, meu major... As eleições estão a baterem à porta...

LIMOEIRO - E não temos ainda um candidato.

XICO BENTO - Lá, quanto a isto, é o que não falta.

LIMOEIRO - Dizem por aí que o governo já designou o bicho.

XICO BENTO - Há de ser quem quiser este seu criado Mathias.

LIMOEIRO - Apoiado, meu tenente-coronel.

XICO BENTO - Pensam, por ventura, que hei de consentir que os liberes assaltem a urna a baionetas, como fizeram, há quatro anos, na freguesia do Rabicho?! Hão de se agüentar no balanço!

LIMOEIRO - Perdão, meu tenente-coronel, foram os conservadores que, desrespeitando o voto livre e as garantias constitucionais...

XICO BENTO - Foram os liberais que, violando o princípio das liberdades públicas...

LIMOEIRO - Discutamos no terreno dos princípios.

XICO BENTO - É para aí que o desafio. Veja o que fez o Barnabé Antunes em sessenta e cinco.

LIMOEIRO - Sim. O que foi que ele fez?

XICO BENTO - Nada mais, nada menos que mandar processar o Antônio Caipora, influência legítimas, só para arredá-lo da eleição.

LIMOEIRO - Ora! Ora!

XICO BENTO - Toda a freguesia sabe do fato.

LIMOEIRO - E o que era o Barnabé Antunes? Conservador.

XICO BENTO - Está enganado. O Barnabé Antunes era liberal.

LIMOEIRO - Enganado está o tenente-coronel. O Barnabé Antunes era liberal em sessenta e dois, virou casaca em sessenta e três, e foi juiz de paz com o partido conservador.

XICO BENTO - Desta maneira não se pode discutir.

LIMOEIRO - E o que me diz do Ambrósio da Silveira? Era, por ventura, alguma coisa?

XICO BENTO - Foi liberal.

LIMOEIRO - Nunca! (ouve-se o ruído de uma girândola) Chegou o rapaz!

Como se fazia um deputado

## V CENA

Os mesmos, Perpétua, Rosinha e depois Domingos, Henrique e os negros.

PERPÉTUA, descendo da varanda com Rosinha. - Que foguetada é esta major? Parece que vem a casa abaixo!

LIMOEIRO, com alegria - É o meu Henrique, é o meu doutor!

NEGROS, dentro. - Viva sinhô moço doutor!

LIMOEIRO - Viva!

PERPÉTUA, a Rosinha. - Endireita este pescoço, menina!

ROSINHA - Oh! Homem! Que maçada! O pescoço é meu, posso fazer dele o que quiser.

XICO BENTO, indo ao fundo. - Aí vem ele! (Diversas pessoas correm à varanda da casa e alí se postam).

Coro, dentro.

Dos nossos braços valentes,

Unidos em doce amor,

Façamos forte cadeira

Para conduzir o doutor.

(Entram Domingos e os negros, carregando Henrique).

Coro

Os seus escravos, meu branco,

Que vos amam com ardor,

Aqui trazem satisfeitos

Da casa o doce penhor.

Henrique, saltando ao chão, e abraçando Limoeiro. - Meu tio!

LIMOEIRO - Meu filho... Sim, porque tu és meu filho, o filho das minhas entranhas.

XICO BENTO, levando o lenço aos olhos. - Estas cenas de família chocam-me extraordinariamente. Beatus ventris quite portavis!

LIMOEIRO, reparando em Henrique - Mas que diabos é isto? Estás magro! Para que estudaste tanto, rapaz?

HENRIQUE - Não atribua a minha magreza ao estudo; mas sim às saudades que me devoravam, longe de vosmecê e destes campos, que são tão caros.

ROSINHA, vendo o estojo do diploma que Henrique deve trazer a tiracolo. - Ué, mamãe! Que canudo tamanho é aquele que ele tem?

PERPÉTUA - Que te importas tu com o canudo?

LIMOEIRO - Quero te apresentar aos nossos amigos do Pau-Grande. Aposto que já te não lembras do coronel Xico Bento?

HENRIQUE - Muito, muito. Passei dias agradabilíssimos em sua fazenda. Como vai a sua senhora? A sua menina já deve estar moça!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

XICO BENTO - Olhe, aqui está uma e lá está outra. Ambos orentis etatis arcados dos ambos.

HENRIQUE, a Perpétua. - Minha senhora.... (Apertando-lhe a mão, a Xico Bento). Ainda está bem sacudida!

XICO BENTO - E eu que o diga.

PERPÉTUA, a Rosinha. - Que moço amável!

ROSINHA, a Perpétua - Pois eu não acho, enquanto não souber o que é que ele tem dentro daquele canudo.

HENRIQUE, para Limoeiro - E quem é esta interessante mocinha?

LIMOEIRO - Pois não conheces? Ora não conhecerás tu outra coisa! (Rosinha esconde-se atrás de Perpétua)

PERPÉTUA - É minha filha. (Para Rosinha, baixo) - Passa para a frente, menina. Que modos são estes?!

HENRIQUE, procurando vê-la - É um rosto encantador.

XICO BENTO - Dizem todos que é o retrato do pai.

PERPÉTUA, baixo a Rosinha. - Passa para a frente, menina!

ROSINHA - Não quero, está.

LIMOEIRO, a Domingos - Logo que escurecer, venham colocar as lanternas na varanda, acendam as fogueiras e batuquem à grande.

DOMINGOS - Sim, sinhô.

CORO- Vamos, vamos, sem demora,

As lanternas preparar;

Pois está chegada a hora

Do batuque começar.

Oh que dia de pagode

Na fazenda de sinhô!

Sinhozinho já chegou

Com a carta de doutô!

LIMOEIRO, aos negros, que saem com Domingos - Vão, rapazes. (Para Henrique). O que é que trazes nesta folha?

HENRIQUE - A minha carta de bacharel (Tira dos ombros e dá-o), a qual dedico-lhe, em prova dos muitos sacrifícios que tem feito pela minha felicidade.

LIMOEIRO - Obrigado, meu filho. (abre a caixa, tira a carta e examina-a)

PERPÉTUA - Agora já sabe o que é?

ROSINHA - Nunca vi carta daquele tamanho! Olhe, mamãe, tem uma fita e uma coisa dependurada até em baixo!

LIMOEIRO, esfregando a carta entre os dedos - Isto não é papel.

XICO BENTO - É pergaminho.

PERPÉTUA, também examinando a carta - O que é pergaminho?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

## Como se fazia um deputado

XICO BENTO - É um papel feito de couro.

ROSINHA, para Perpétua - Mas não é couro de burro, mamãe?

LIMOEIRO - Quem há de dizer que é com este couro, que se tem formado os homens mais importantes deste país! (Entrega a carta a Henrique. Minhas senhoras, tomem conta da casa; vão lá para dentro e dirijam aquilo como se estivessem em sua fazenda. (Para Henrique) Quanto a ti, deves estar estafado da viagem, apesar de que vieste montado no Diamante, que é o primeiro burro destas dez léguas em redor. Vá mudar de roupa.

HENRIQUE, a Xico Bento - Se me dá licença...

XICO BENTO - Essa é boa! (saem Henrique, Perpétua e Rosinha)

## VI CENA

LIMOEIRO E XICO BENTO

LIMOEIRO - Então o que diz do nosso doutor?

XICO BENTO - Não é de todo desajeitado.

LIMEIRO - Desajeitado! É um rapaz de muito talento!

XICO BENTO - E diga-me cá uma coisa: a respeito de política, quais são as idéias dele?

LIMOEIRO - Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

XICO BENTO - omnibus tulit puntos, quis miscuit util et dolcet.

LIMOEIRO, gritando - Olá de dentro? Tragam duas cadeiras. O negócio é importante, devemos discutir com toda a calma.

XICO BENTO - Estou às suas ordens. (Entra um negro e põe as duas cadeiras em cena). Tem a palavra, o suplicante. (Sentam-se)

LIMOEIRO - Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. É preciso arrumar o rapaz; e não há negócio, neste país, como a política. Pela política cheguei a major e comendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspetor da instrução pública cá da freguesia.

XICO BENTO - Pela política, não, porque estava a partido contrário no poder; foi pelos mens merecimentos.

LIMOEIRO - Seja como for, o fato é que, apesar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influência do lugar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

XICO BENTO - Oxalá que eu tivesse só a metade do que possuí o major.

LIMOEIRO - Ouro é o que ouro vale. Se a sorte não presenteou-o com uma grande fortuna, tem-lhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a influência. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por aí.

XICO BENTO - Quer então que...

LIMOEIRO - Que o tome sob a sua proteção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas próximas eleições.

XICO BENTO - Esis modus in rebus.

LIMOEIRO - Deixemo-nos de latinórios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possível.

XICO BENTO, com alegria concentrada - Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negócio lhe apraz...

LIMOEIRO - É um negócio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em água de barreira. O tenente-coronel compreende... Eu sou liberal... o meu amigo conservador...

XICO BENTO - Já atinei! Já atinei! Quando o partido conservador estiver no poder...

LIMOEIRO - Temos o governo em casa. E quando o partido liberal subir...

## Como se fazia um deputado

XICO BENTO - Não nos sai o governo de casa.

LIMOEIRO, batendo na coxa de Xico Bento - Maganão.

XICO BENTO, batendo-lhe no ombro.- Vivório! E si se formar um terceiro partido? ...Sim, porque devemos prevenir todas as hipóteses...

LIMOEIRO - Ora, ora... Então o rapaz é algum bobo?! Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o governo em casa. O tenente-coronel já não foi progressista, no tempo da Liga?

XICO BENTO - Nunca. Sempre protestei contra aquele estado de coisas; ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está também o major, que foi feito comendador naquela ocasião.

LIMEIRO - É verdade, não o nego; mudei de idéias por altas conveniências sociais. Olhe, meu amigo, si o virar casaca fosse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter os inúmeros criminosos, que por ai andam.

XICO BENTO - Vejo que o major é homem de vistas largas.

LIMOEIRO - E eu vejo que o tenente-coronel não me fica atrás.

XICO BENTO - Então casamos os pequenos...

LIMEIRO - Casam-se os nossos interesses...

XICO BENTO - Et c?tera e tal...

LIMOEIRO - Pontinhos... (Vendo Henrique). Aí vem o rapaz, deixe-me só com ele.

XICO BENTO - Fiam voluntatis tue. Vou mudar estas botas. (Sai).

## VII CENA

LIMOEIRO E HENRIQUE

HENRIQUE - Como se está bem aqui! Disse um escritor que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o cérebro. Que amargo epigrama contra esta natureza grandiosa! Eu sinto-me aqui poeta.

LIMOEIRO - Toma tenência, rapaz. Isto de poesia não dá para o prato, e é preciso que te ocupes com alguma coisa séria.

HENRIQUE - Veja, meu tio, como está aquele horizonte; o sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e púrpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flores, convida a alma aos mais poéticos sonhos de amor.

LIMOEIRO - Está bom, está bom. Esquece estes sonhos D'amor, que, no fim de contas, são sempre sonhos, e vamos tratar da realidade. Vira-te para cá. Deixa o sol, que tens muito tempo para ver, e responde-me ao que te vou perguntar.

HENRIQUE - Estou às suas ordens.

LIMOEIRO - Que carreira pretendes seguir?

HENRIQUE - Tenho muitas diante de mim... A magistratura...

LIMOEIRO - Podes limpar as mãos à parede.

HENRIQUE - A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa...

LIMOEIRO - E esqueceste a principal, aquela que pode elevar-te às mais altas posições sem um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE - O jornalismo?

LIMOEIRO - A política, rapaz! A política! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um ano de prática; para seres juiz de direito, tens de fazer um quadriênio; andarás a correr montes e vales por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão há por aí, e sempre com a sela na barriga!

Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a política. Para deputado, não é preciso ter prática de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que sou quase teu pai, para o Brasil inteiro, em suma.

HENRIQUE - Mas para isso é preciso...

LIMOEIRO - Não é preciso coisa alguma. Desejo somente que me digas quais são as tuas opiniões políticas.

HENRIQUE - Foi coisa em que nunca pensei.

LIMOEIRO - Pois olha, és mais político do que eu pensava. É preciso, porém, que adotes um partido, seja ele qual for. Escolhe.

HENRIQUE - Neste caso serei do partido de meu tio.

LIMOEIRO - E porque não serás conservador?

HENRIQUE - Não se me dá de sê-lo, se for de seu agrado.

Como se fazia um deputado

LIMOEIRO - Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.

HENRIQUE - Mas isto é uma indignidade!

LIMOEIRO - Indignidade é ser uma coisa só!

## VIII CENA

OS MESMOS E XICO BENTO

XICO BENTO, entrando alegre - Já dei parte à menina, e à senhora; está tudo arranjado! E o que diz o nosso doutor?

LIMOEIRO - Ah! Ele está por tudo quanto eu quiser.

XICO BENTO - Então, deixe-me abraçá-lo já como meu filho.

HENRIQUE - Como seu filho?! Que diabo de trapalhada é esta?

XICO BENTO, a Limoeiro - Pois ainda não lhe disseste?

LIMOEIRO - Ainda não; mas é o mesmo (para Henrique) Meu Henrique, prepara-te para tomar estado.

HENRIQUE - Mas isto assim, à queima roupa?

LIMEOIRO - É desta maneira que eu gosto de arranjar as coisas, zás, tráz, nó cego.

Como se fazia um deputado

## IX CENA

XICO BENTO, LIMOEIRO, HENRIQUE, ROSINHA E PERPÉTUA

LIMOEIRO, trazendo Rosinha pela mão - Aqui está a tua noiva.

ROSINHA, puxando a mão com força - Eu não gosto destas brincadeiras comigo.

PERPÉTUA - Menina, tenha modos!

ROSINHA, a Perpétua - Eu já disse que não quero; e quando eu digo que não quero mesmo. É à toa, escusa de estar nhen nhen nhen em cima da gente.

HENRIQUE, à parte - Mas que papel represento eu?

LIMOEIRO, baixo a Perpétua - O verdadeiro é deixá-los a sós. Tenente-coronel, enquanto não chegam os convidados para a festa, vamos dar um passeio pelo laranjal. Ande, venha, D.Perpétua.

ROSINHA, baixo, a Perpétua - Eu não fico aqui sozinha com este homem.

PERPÉTUA, baixo - Vejam só que tola! Conversa com o moço, que tu hás de gostar dele...

ROSINHA - Que me importa lá com o moço! Eu não como em casa dele.

PERPÉTUA, baixo - Pois bem; fique aí, e não me conte mais histórias.

ROSINHA - Eu fico; mas não falo com ele. Ele pode dizer o que quiser, que entra por aqui e sai por ali.

LIMOEIRO - Vamos, D.Perpétua, antes que chegue a hora de jantar.

## X CENA

HENRIQUE E ROSINHA

HENRIQUE, à parte - Que diabo hei de eu dizer a esta pamonha?

ROSINHA, à parte - Si tu esperas que te puxe pela língua, estás mal enganado.

HENRIQUE, à parte - Vou perguntar-lhe que horas são.

ROSINHA, à parte - Estou quase perguntando-lhe que coisa é aquela que ele tem dependurada na carta.

HENRIQUE, à parte - Mas agora reparo que ela é bem interessante. Lindos olhos, cílios brandamente arqueados...

ROSINHA, à parte - Ué! Como ele olha para a gente!

HENRIQUE, à parte - Cintura fina e delgada, cabelos castanhos... Decididamente não é nenhuma asneira.

ROSINHA, à parte - Agora lá para que digamos, ele não é muito feio. Moreninho, cabelos encaracolados...

HENRIQUE, à parte - Eu vou dirigir-lhe a palavra.

ROSINHA, à parte - Se ele falar, eu respondo.

HENRIQUE, a Rosinha - O sinhá? (Rosinha finge que não ouve).Psiu! O sinhá? (Henrique segura-lhe na cintura).

ROSINHA, esquivando-se - Não me cutuque, que eu vou contar à mamãe.

HENRIQUE - Não fuja, não quero fazer-lhe mal. Olhe, sinhá, olhe para mim.

ROSINHA, com mau modo - Eu não me chamo sinhá.

HENRIQUE - Não se zangue.

ROSINHA - O senhor sabe muito bem meu nome.

HENRIQUE - D.Rosinha?

ROSINHA - O que quer?

HENRIQUE, aproximando-se - Chegue-se para lá; fale de longe que eu não sou surda.

HENRIQUE, à parte - E não é o que diabinho da menina é bem interessante. (Alto). Quero dizer-lhe que a senhora é a rosa mais encantadora destes prados, e que faz morrer de inveja e de ciúmes todas as flores, que a cercam.

ROSINHA - O senhor está caçoando com a gente.

HENRIQUE - Estou-lhe abrindo o meu coração. Há algumas horas, apenas, que a conheço, e confesso que sinto-me cativo de tanta singeleza.

ROSINHA - O gente! Então hoje é a primeira vez que o senhor me vê?

HENRIQUE - Creio que sim.

ROSINHA - Então o senhor come muito queijo! Pois não se lembra que já estive no Pau-Grande caçando pombas? Eu até tenho ainda uma boneca que o senhor me deu.

HENRIQUE - E, desde essa época, tem me conservado sempre em sua lembrança?

Como se fazia um deputado

ROSINHA, vexada - Não sei...

HENRIQUE - Então porque censura-me por não havê-la reconhecido? E porque seus lábios não ousam dizer o que o coração sente.

ROSINHA - Nem tudo o que se sente, a gente diz.

HENRIQUE - D.Rosinha, parece-me que meu tio não é tão tirano, como eu pensava, por haver ajustado este casamento, sem consultar a nossa vontade. A sua candura inspira-me, e creio que serei muito feliz, aliando o meu futuro ao seu. Quer casar comigo?

ROSINHA - Não sei...

HENRIQUE, segurando-lhe a mão - Responda.

ROSINHA - Aí vem papai. (Sem poder tirar a mão da de Henrique).

## XI CENA

OS MESMOS, XICO BENTO, PERPÉTUA E LIMOEIRO

XICO BENTO, vendo Henrique segurando na mão de Rosinha - Venham, venham depressa, que o negócio está concluído! Jam proximus ardet.

ROSINHA, assustada - Eu não lhe disse?!

LIMOEIRO - Não vai mal, senhor doutor!

HENRIQUE - Sou da escola de meu tio: zás, trás, nó cego.

PERPÉTUA, baixo, a Rosinha - Eu não te disse que o moço era bom?

XICO BENTO - Agora só falta o - finis coronnat opus - ou o Ite consummatum est. (Ouve-se música dentro)

Como se fazia um deputado

## XII CENA

ROSINHA, HENRIQUE, PERPETUA, LIMOEIRO, XICO BENTO, GREGÓRIO, CUSTÓDIO E FLAVIO MARINHO

Gregório, Custódio e Flavio Marinho entram seguidos de uma banda de música precedida de um estandarte em que se lê: Filarmônica Recreio do Pau-Grande.

ROSINHA - Chii! Mamãe, temos música!

GREGÓRIO - Viva o doutor, que acaba de chegar.

CUSTÓDIO E FLAVIO MARINHO - Viva!

GREGÓRIO - Saúde, paz e tranqüilidade, eis o que desejo ao transpor os umbrais da residência do muito alto e nobre Sr. major Limoeiro.

LIMOEIRO - Ora viva o Sr. Gregório. (Para Henrique). Aqui te apresento o Sr. Gregório Simplicio Anachoreta dos Goytacases, distinto professor público da freguesia de Santo Antonio do Barro Vermelho.

HENRIQUE - Tenho muita honra em conhecer o digno preceptor da nossa mocidade.

LIMOEIRO, baixo a Henrique - Olha que é afilhado do vigário, e o primeiro eleitor cá da freguesia .

HENRIQUE - A fama de sua inteligência e de sua ilustração é apregoada por todos.

LIMOEIRO, à parte - Bravo! O rapaz tem dedo para o negócio (alto). Este é o Sr. Custódio Rodrigo Netuno, do Mar de Espanha, primeiro juiz de paz, mais votado e digno membro do nosso eleitorado.

HENRIQUE- Já o conhecia de tradição pelos serviços prestados a causa pública...

LIMOEIRO, baixo a Henrique - A guerra do Paraguai...

HENRIQUE - A guerra do Paraguai...

LIMOEIRO, baixo a Henrique - E à epidemia das bexigas.

HENRIQUE - E à epidemia das bexigas.

CUSTÓDIO - Favores dos meus concidadãos.

LIMOEIRO - Aquele é o senhor Flavio Marinho do Rio das Mortes, inspetor de quarteirão, boticário, procurador da capela das Mercês e arrematante das rendas municipais.

HENRIQUE - Saúdo o distinto financeiro.

LIMOEIRO, baixo a Henrique - E muito digno representante do partido da ordem.

HENRIQUE - E muito digno representante do partido da ordem.

FLAVIO- V.Ex. confunde-me.

GREGÓRIO, concertando a garganta - Sr. major Limoeiro. Os nossos amigos que se acham presentes, querendo tributar elevada homenagem ao soberano anfitrião,. Que acaba de chegar da montanhas da Paulicéia, coroado com os louros virentes da sabedoria, incumbir-me-ão, á mim, humilde professor público desta freguesia, de saudar tão grande dia, saudando ao mesmo tempo o ditoso tio, que vê tão ditoso sobrinho em tão ditosa carreira. Ditosa condição, ditosa gente, como diz o poeta! Viva o senhor doutor Henrique. (Toca a música). Agora hão

de permitir que recite uma colcheia de minha lavras. (Tira um papel do bolso e lê:)

MOTTE

Alegrou-se a mocidade  
Com a chegada do doutor

GLOSA

Ser escravo jamais há de  
O império brasileiro!  
Com o filho do Limoeiro  
Alegrou-se a mocidade;  
Seu nome à posteridade  
Há de chegar sem temor!  
Cheio de glória e louvor,  
Pois nada o Riacho Fundo  
Cheio de gozo profundo  
Com a chegada do Doutor.

TODOS, menos Henrique - Viva!

GREGÓRIO - Viva o muito honesto e popular major Limoeiro.

TODOS, menos limoeiro e Henrique - Viva!

GREGÓRIO - Viva o senhor tenente-coronel, Xico Bento do Pau-Grande.

TODOS, menos Xico Bento - Viva.

LIMOEIRO - Meus senhores, o jantar nos espera. À mesa.

Vamos, vamos, meus senhores.

Para a sala de jantar,  
Entre flores e iguarias  
Este dia festejar.

CORO

Entre flores e iguarias  
Beberemos com ardor  
À ventura do major  
E à saúde do doutor.

(Entram todos para casa ao som da música).

CAI O PANO

Como se fazia um deputado

## SEGUNDO ATO

### I CENA

O teatro representa a praça da freguesia de santo Antônio do Barro Vermelho; ao fundo, a matriz; à direita e à esquerda, casas com portas para a cena. Ao subir o pano, acham-se diversas pessoas na praça; grupos à porta da igreja e ao lado das casas.

CENA PRIMEIRA

CORO DE CAPANGAS

Que o voto é livre

Ninguém duvida!

Por nossos amores

Demos a vida.

Pra todo aquele

Que for canalha,

Cacete em punho,

Boa navalha.

Sejamos fortes

Em cabalar,

Que bom dinheiro

Vamos ganhar.

Pra todo aquele

Que for canalha,

Cacete em punho,

Boa navalha.

(Dispersam-se, entrando uns, nas casas, outros, na igreja.)

Como se fazia um deputado

## II CENA

HENRIQUE, LIMOEIRO, E DEPOIS DOMINGOS

LIMOEIRO - Parece-me que o negócio vai correndo às mil maravilhas.

HENRIQUE - Fie-se nessa. Não vi o sarilho, que andou lá por dentro ainda a pouco?

LIMOEIRO - E o sujeito votou ou não votou?

HENRIQUE - Votou; mas eu não queria estar-lhe na pele.

LIMOEIRO - Onde está o Domingos?

HENRIQUE - Na igreja.

LIMOEIRO - Vai também para lá, chama-me. Olha, coloca-te ao lado do Rasteira-Certa e do Arranca-Queixo, logo que houver rolo. (Henrique sai) E preciso muito tino e sangue frio.

DOMINGOS, saindo da igreja - Pronto, meu senhô.

LIMOEIRO, tirando a lista dos votantes e lendo - Antonio José da Purificação, Anastácio Antonio da Silva, Felipe dos Reis, José... José Antonio...Cá está. Manoel Maneco Manduba de Mandiroba, (Para Domingos). Tome sentido neste nome. Quando gritarem por ele, Vm. Apresente-se, e entregue esta lista. (Dá-lhe a lista) Entendeu?

DOMINGOS - Sim, senhô.

LIMOEIRO - Repita. Como é seu nome, agora?

DOMINGOS - É Domingos , sim, senhô.

LIMOEIRO - O cabeça de burro, pois eu não acabo de dizer que você é Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS - Ah! Agora já sei, sim senhô. Eu me chamo seu Mané Maneco.

LIMOEIRO - Muito bem. Veja lá, quando entregar a lista, se vai dizer, como o negro do Ribeiro: Aqui está biete que sinhô moço seu Zé Ribeiro mandou pra sinhô.

DOMINGOS - Eh! Eh! Domingos não é negro novo. Eu já não tem votado tantas vezes?

### III CENA

OS MESMOS, XICO BENTO, HENRIQUE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, FLAVIO MARINHO, 1º VOTANTE, acompanhados de povo, saindo da igreja aos empurrões.

POVO - É fósforo! É fósforo!

XICO BENTO - É o próprio e idêntico!

HENRIQUE - É muito conhecido na freguesia!

POVO - É fósforo! É fósforo!

GREGÓRIO - À ordem, senhores!

Como se fazia um deputado

## IV CENA

OS MESMOS, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA E ARRANCA-QUEIXO

PÉ-DE-FERRO, a Henrique - Pode falar grosso, senhor doutor, que o Pé-de-Ferro cá está com o Arranca-Queixo.

ARRANCA-QUEIXO - O cidadão prestante há de votar.

POVO - É fósforo! É fósforo! Não vota!

RASTEIRA-CERTA - Não é fósforo! É o próprio e idêntico; véve e reséde neste município.

LIMOEIRO, baixo a Domingos - Toma estas listas. (Dá-lhas). Aproveita o barulho, e ataca tudo na urna.

HENRIQUE - Respeitem as garantias constitucionais!

LIMOEIRO - Ordem, senhores! Eu conheço o homem, deixem-no votar. Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública!

PÉ-DE-FERRO - Apoiado!

1º VOTANTE - Vamos para dentro.

(Retiram-se todos, menos Limoeiro e Xico Bento)

## V CENA

LIMOEIRO E XICO BENTO

XICO BENTO - Major, o negócio está muito feio!

LIMOEIRO - Deixe correr o marfim. Trabalhe cada um para seu lado, que afinal dá tudo certo.

XICO BENTO - É verdade. Uma vez que o rapaz saia...

LIMOEIRO - Estamos nós dentro.

Como se fazia um deputado

## VI CENA

OS MESMOS, FLAVIO, 2º VOTANTE

FLAVIO, gritando da igreja - Jeronymo Tabú da Silva.

2º VOTANTE, saindo da esquerda - Pronto!

XICO BENTO - Tome lá. (Entrega-lhe uma lista).

2º VOTANTE - Olhe, compadre, só para lhe servir. É triste ser pobre. Muito custa a ganhar a vida com honra! Com esta fazem quatro vezes que voto hoje. (Entra para a igreja).

XICO BENTO, vendo a lista - Este já se pode riscar.

LIMOEIRO - E pode riscar também o tenente Felício.

XICO BENTO - Um dos esteios do partido da ordem!

LIMOEIRO - É verdade; não vota hoje, não, mas é o mesmo; mandei processá-lo, como vagabundo, por andar parado na rua de noite fora de horas.

XICO BENTO- Pois fê-la bonita! Perdemos com ele toda a votação da gente da Samambaia e da Grota Funda.

LIMOEIRO - Grande prejuízo! Perdemos esses votos, mas ganhamos todos do partido liberal, sem contar com o recheio, que mandei o Domingos meter na urna.

XICO BENTO - Major, você é de todos os diabos.

## VII CENA

XICO BENTO, LIMOEIRO E DOMINGOS

DOMINGOS, saindo da igreja - Está tudo dentro, sim senhô.

LIMOEIRO - Fica aí, que não tarda a chegar a tua vez de votar.

XICO BENTO- Pois o major manda o escravo votar?

LIMOEIRO - Essa é boa! E porque não? E se o rapaz for eleito, ele já sabe, sou-lhe a carta de liberdade.

XICO BENTO - Deus queira! Deus queira!

Como se fazia um deputado

## VIII CENA

LIMOEIRO, XICO BENTO, DOMINGOS E FLAVIO

FLAVIO, à porta da igreja - Manoel Maneco Manduba de Mandiroba?

DOMINGOS - Pronto!

LIMOEIRO, baixo a Domingos - Anda, não te esqueças do nome. (Domingos entra na igreja).

XICO BENTO - Vejamos a trovoadá!

## IX CENA

OS MESMOS, HENRIQUE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, FLAVIO, 1º VOTANTE, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, ARRANCA-QUEIXO, acompanhados pelo povo, no meio de grande desordem.

POVO - Fora o negro! É fósforo!

(Assoviam).

1º VOTANTE - Eu bem o conheço. É o escravo do major.

POVO - Salta, tição!

LIMOEIRO - Perca-se tudo, senhores; Mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão livre e independente votar!

1º VOTANTE - É um desaforo! Hom'essa!!

POVO - É fósforo! É fósforo!

CUSTÓDIO - Atenção, senhores!

1º VOTANTE - Não queremos palavrórios!

HENRIQUE - Deixem falar o orador.

CUSTÓDIO - Em nome da paz da freguesia, em nome de meus concidadãos, em nome da nossa honra, em nome da tranqüilidade pública, devemos respeitar o direito do cidadão.

HENRIQUE - Apoiado.

1º VOTANTE - Não apoiado.

ARRANCA-QUEIXO - O homem há de votar; não turrem. E quem decéde aqui está! (Mostra o cacete).

CUSTÓDIO - Eu asseguro-lhes que o suplicante é o mesmo Manoel Maneco Manduba de Mandiroba.

POVO - Não é! Não é!

ARRANCA-QUEIXO - Haja rolo

PÉ-DE-FERRO - Haja!

(Trava-se um conflito de pedradas e cacetadas; intervém a guarda e retiram-se todos em debandada, entrando alguns na igreja e outros nas casas laterais. Xico Bento entra em uma das casas. Henrique, Domingos e Limoeiro entram na igreja).

Como se fazia um deputado

## X CENA

PERPÉTUA E ROSINHA, que entram em cena, na ocasião em que se dispersa o povo.

PERPÉTUA - Onde estará o meu homem, meu senhor bom Jesus?

ROSINHA - Eu não disse mamãe, que não viesse se meter neste angu?

PERPÉTUA - Deram-me um murro na cacunda, que quase deitei a alma pela boca fora!

ROSINHA - E eu, por um triz que não levei uma pedrada na barriga. Passou ventando - vum! Que nem uma bala.

PERPÉTUA - Onde está aquele homem, meu Deus? Fico com o coração do tamanho de uma pulga, todas as vezes que ele se mete em eleições!

ROSINHA - Estou aqui que nem posso.

PERPÉTUA - Parece-me que o vejo a cada momento entrar pela casa a dentro com as ventas esmurradas, ou com alguma faca nas tripas.

ROSINHA - E eu que sonhei, esta noite, que tinham descadeirado seu Henrique, na igreja, com uma carga de chumbo grosso que lhe arrumaram?

## XI CENA

AS MESMAS, HENRIQUE E DEPOIS LIMOEIRO E XICO BENTO

HENRIQUE, saindo da igreja - Oh! Minhas senhoras, o que vieram cá fazer?

XICO BENTO, espiando da porta - Está tudo acabado?

PERPÉTUA - Xico, não estás ferido?

XICO BENTO - Retire-se, senhora, que isto daqui a pouco está um dilúvio de sangue.

LIMOEIRO, saindo da igreja - Eu não disse que o Domingos havia de votar? Lá está a cédula na urna, batidinha da Silva! (Para Rosinha e Perpétua). Também vieram cabalar?! Bravo! Gosto disto!

XICO BENTO - Major, eu juro-lhes pelas cinzas de minha mulher... não, quero dizer...

PERPÉTUA - O que é isso lá?

XICO BENTO - Erraris humanus és. Quero dizer, Perpétua, que juro, por tudo quanto há de mais caro neste mundo, que não apanham n'outra.

PERPÉTUA - Oxalá que fiques curado.

LIMOEIRO - Se lhe parece, abandone-me e deixe-me aqui às moscas. Como já lhe dei a minha palavra e já está servido...

XICO BENTO - Abandoná-lo ...? Lá isso não, porém...

LIMOEIRO - Porém o que? Tenente-coronel, o lugar do soldado é no fogo!

PERPÉTUA - No fogo?! Temos conversado. Xico, lembra-te que tens mulher e filha!

LIMOEIRO - D.Perpétua, não me esfrie o homem! Tenente-coronel, estamos perdidos e precisamos fabricar votantes, seja como for. (PENSANDO). Espere, o Domingos votou uma vez só...

XICO BENTO - Major, você ainda perde aquele negro, e olhe que ele é peçazinha, que vale bem seus dois contos de réis.

LIMOEIRO, que continua a pensar - Ah! achei! (Para Henrique). O rapaz, pois tu por aqui ainda, quando devias estar lá dentro a tomar conta da urna?!

HENRIQUE - Estou ao lado da urna dos meus afetos.

LIMOEIRO - Deixa esta, que está segura, e vai tomar conta da outra, que está em perigo. Anda, vai! (Para Rosinha e Perpétua). Minhas senhoras, entrem pra esta casa e não tenham receio.

PERPÉTUA, entrando com Rosinha - Xico, toma cuidado, não facilites.

LIMOEIRO, a Henrique, que se dirige para a igreja. Manda-me cá o Domingos. (Henrique entra na igreja).

Como se fazia um deputado

## XII CENA

XICO BENTO, LIMOEIRO E DOMINGOS

XICO BENTO - Major, quer aceitar um conselho? Res tua agitur.

LIMOEIRO - O que é, tenente-coronel?

XICO BENTO - A capangada está bravia, mande o Domingos para a fazenda e vamos nos arranjar com os votantes que temos. Olhe que naquela refega o João Corrêa ficou sem uma orelha, o Flavio perdeu dois dentes da frente, eu levei uma cascudo e o major viu-se em papos de aranha.

LIMOEIRO - Mas ainda não desanimei.

DOMINGOS, saindo da igreja. Estou aqui, sim sinhô.

LIMOEIROS - Estás machucado?

DOMINGOS - Não, sinhô. Levou só porretada na cabeça; pau quebrou mas cabeça não.

XICO BENTO - Irribus!

LIMOEIRO - Prepare-se, que tem de votar mais uma vez.

DOMINGOS - Domingos está pronto para votar quantas vezes sinhô quiser.

XICO BENTO - Isto não é negro; é um precipício!

LIMOEIRO - Entre ali naquela casa, (Indica a casa da esquerda), peça uma casaca a sua Zé Franco, calce umas botas, diga a seu Telles que lhe corte esta carapinha, e que lhe empreste umas barbas.

DOMINGOS - Sim, sinhô.

LIMOEIRO - Amarre um lenço ao pescoço e depois venha falar comigo. (Domingos sai)

## XIII CENA

XICO BENTO, LIMOEIRO E DEPOIS PASCHOAL BASILICATA

XICO BENTO - Major..., major!

LIMOEIRO - O seu compadre não pode votar ainda uma vez?

XICO BENTO - Olhe que ele já votou quatro vezes!

LIMOEIRO - E o que tem isto? Quando a lei decretou que houvesse três chamadas, foi para que o cidadão votasse pelo menos três vezes. Vejamos a lista dos votantes. (Limoeiro e Xico Bento consultão, lendo a lista).

PASCHOAL, entrando com uma táboa ao ombro, na qual se veem bonecos, cachorros, vasos, papagaios e santos de gesso.

Io sono mascati,

Compadre signori

Uceli, macachi

E miei vasi de fiori.

Com quello que ganho

Non ganho niente,

Perche non guardagno,

Ne cento per cento.

Io sono mascati, etc., etc.

Non volete comprare qualche cosa? Abbiamo cavalli, cani, gati, orni santi del Paradizo, vasi Didi fiori. Vel-o dono per pouco danaro.

LIMOEIRO, para Xico. - Oh! Que idéia luminosa! Que famoso achado! Tenente-coronel, este italiano é um diamante, que nos caiu do céu.

XICO BENTO - Major, eu tremo de adivinhar o que te que passa pela cabeça.

LIMOEIRO, a Pachoal - O' Monsiú

PASCHOAL - Cosa vuole?

LIMOEIRO - Como se chama você?

PASCHOAL - Pascoale Basilicata, humilíssimo servitore Didi lei.

LIMOEIRO - Pois, senhor monsiú Basilicata, você está disposto a mudar de nome por uns cinco minutos?

PASCHOAL - Cambiare il mio nome?

LIMOEIRO, a Xico Bento - Cambiare, não sei o que é. (A Paschoal). Não se trata de cambio, de trocar dinheiro...

XICO BENTO - Trata-se de trocar de nome, monsiú.

PASCHOAL - Ma, perchê trocare il mio nome?

LIMOEIRO - Usted não quer guadarhar la plata?

Como se fazia um deputado

PASCHOAL - Si, si, já. Ma chi me dona danaro?

XICO BENTO - Aquei este monsiú.

PASCHOAL - Está bene; cosa devo fare?

LIMOEIRO - Usted larga el taboleiro aqui com tutas las bugingangas, está entendendo? Toma isto (mostra a lista) e, quando o chamarem ali, da porta da igreja, entra e mette este papel nel buraco del caixone, que está em cima della mesa. Ponha sentido no seu nome.

PASCHOAL - Si sinhore.

LIMOEIRO - O seu nome é Albino Catalão Carapuça dos Engeitados. Repita.

PASCHOAL - Alano, Catarine, Carajollhe do Singipuça.

LIMOEIRO - Não, não é isto. Albino Catalão Carapula dos Engeitados.

PASCHOAL - Babibo...

XICO BENTO - Não é Babibo; é Albino.

PASCHOAL - Albino.

LIMOEIRO - Catalão.

PASCHOAL - Tacalão.

LIMOEIRO, a Xico Bento - O diabo do carcamano tem cabeça de barro, como a dos cachorros que vende.

XICO BENTO - O essencial é que ele acuda á chamada.

PASCHOAL - Sicuro, sinhore; ma quanto guadanho?

LIMOEIRO - Guadanha vinte mil réis.

PASCHOAL - O sinhore poteva dare um pouco piu.

LIMOEIRO - Não tem que piar; com vinte mil réis está muito bem pago.

PASCHOAL - Vá bene, sinhore.

## XIV CENA

OS MESMOS E DOMINGOS

DOMINGOS, de casaca, completamente transformado - Domingos está pronto, sim sinhô.

LIMOEIRO - E então, tenente-coronel, veja só como está o negrinho!

XICO BENTO, vendo Domingos com os braços semi-abertos - Parece que ele quer voar.

DOMINGOS - É casaca, que está muito pretada debaixo do braço, sim sinhô.

LIMOEIRO, a Domingos - Você ha de votar mais tarde; por ora o que tem que fazer é acompanhar este mosiú até a igreja. Não me saia de lá, enquanto ele não tiver votado.

DOMINGOS - Sim sinhô. (Para Paschoal). Vamos, monsiú. (Entram os dois na igreja).

Como se fazia um deputado

## XV CENA

LIMOEIRO E XICO BENTO

XICO BENTO - Está me parecendo que o tal carcamano não dá conta da empreitada.

LIMOEIRO - Olé se dá! Aquello é passaro biscoau!

XICO BENTO - Será bom mandar dizer á capangada que esteja alerta.

LIMOEIRO - Não se incomode; ela está bem industriada. Mas tem-se trabalhado bonito, heim, tenente-coronel?!

XICO BENTO - Nem por isso. Nas eleições passadas fizemos mais e não houve tanto barulho. Só o defunto Mathias sacristão votou seis vezes.

LIMOEIRO - Isto lá pelo seu lado; porque pelo de cá foram cinco. batidinhas, dadas por mim. Se ele ainda fosse vivo... coitado, Deus ponha a sua alma em bom logar!

XICO BENTO - Pobre Mahitas! Palidus mortis equis expulst pedibus tabernas...

LIMOEIRO - Foi mesmo a taverna, que o levou. Mas deixemos coisas tristes e pensemos nos que estão vivos

## XVI CENA

OS MESMOS E HENRIQUE

HENRIQUE, saindo apressado da igreja - Meu tio ? meu tio?

XICO BENTO - O que é? Alguma novidade?!

HENRIQUE - Estamos perdidos!

LIMOEIRO - Perdidos?!

HENRIQUE - Irremediavelmente perdidos!

LIMOEIRO - Mas o que há? Explica-te rapaz!

HENRIQUE - Nada mais, nada menos, que uma conspiração dos descontentes, para roubar a urna e levar tudo a ferro e fogo.

LIMOEIRO - Quem te disse isto?

HENRIQUE - O João Corrêa.

LIMOEIRO - E como foi que ele soube?

HENRIQUE - Apanhando na sacristia este bilhete, que caiu do bolso de um votante.

XICO BENTO - Deixe-me ver. (lendo). Estamos traídos! O chefe do nosso partido está ligado com um membro do partido contrário. Às duas horas em ponto estejam todos no coro, prontos para o que der e vier. É preciso a todo custo quebrar a urna e mandar ao diabo esta eleição. Os escravos da fazenda de D.Miquelina estão a postos.

LIMOEIRO - Mas a quem foi dirigido este bilhete?

HENRIQUE - Não se sabe.

XICO BENTO - Que horas são, major?

HENRIQUE - Uma hora e três quartos.

XICO BENTO - É tempo de salvar a mulher e a menina que ali estão. (Vai a sair).

LIMOEIRO - Não senhor, espere. Agora é que mais precisamos da sua presença

Como se fazia um deputado

## XVII CENA

LIMOEIRO, XICO BENTO, HENRIQUE, POVO, 1º VOTANTE, ARRANCA-QUEIXO, 3º VOTANTE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, PASCHOAL, ROSINHA E PERPÉTUA.

POVO, saindo da igreja - É um desaforo! É um desaforo!

CUSTÓDIO - Deixem o cidadão votar!

XICO BENTO - Estamos perdidos!

POVO - Fora! Fora! Fora!

1º VOTANTE - É estrangeiro!

ARRANCA -QUEIXO- É cidadão brasileiro, tão hão como tão bão!

PASCHOAL - Si sinhori, sono brasileiro.

POVO - Morra o engraxate! Morra!

LIMOEIRO, gritando - Ordem, senhores! Perca-se tudo, mas salve-se a moralidade pública! Deixem o cidadão votar!

1º VOTANTE - Não pode votar! É estrangeiro!

LIMOEIRO - É nosso compatriota. Foi um dos bravos da campanha do Rosas, e lá perdeu a língua.

POVO - Haja! Haja! (trava-se uma luta de cacetadas; alguns seguram nos bonecos e cachorros de gesso e atiram às caras uns dos outros).

XICO BENTO, batendo com força na casa, onde estão Rosinha e Perpétua- Abra esta porta, senhora!

PERPÉTUA E ROSINHA, de dentro- Misericórdia!

XICO BENTO - Abram, pelo amor de Deus!

PERPÉTUA E ROSINHA, de dentro - Aqui d'el rei!

LIMOEIRO - Ordem! Ordem! Paz! (o barulho serena)

PASCHOAL, com a cara ensangüentada. - Vado a queixar-me a il mio consule.

1º VOTANTE - Vamos para dentro, que este já não vota. (entram todos na igreja, menos Paschoal).

## XVIII CENA

XICO BENTO, HENRIQUE, LIMOEIRO, DOMINGOS E PASCHOAL

PASCHOAL - E miei figurini sono tutti quebrati. Bisonha pagare tutto.

LIMOEIRO - Sim, monsiú, deixa estar; tudo se arranja em paz.

DOMINGOS, saindo da igreja apressado - Meu sinhô? Meu sinhô? O negócio não está bom, não. Povo no côro da igreja está sim. (Batendo na mão, fechada em forma de óculo)... tudo com pedras e porrete.

LIMOEIRO, para Henrique - Vai para a igreja. (Henrique entra na igreja).

XICO BENTO - Não se afoite, doutor.

LIMOEIRO, a Domingos - Leva este homem para o botica, e manda-o depois pra fazenda.

DOMINGOS - Ande, monsiú, venha lavar o nariz. (Domingos sae com Paschoal).

XICO BENTO, batendo na porta da casa - Saia, senhora, aproveite a estiada.

Como se fazia um deputado

## XIX CENA

XICO BENTO, LIMOEIRO, ROSINHA E PERPÉTUA, saindo de casa.

PERPÉTUA - Já não sinto as pernas.

ROSINHA, saindo - Tenho ferretoadas por todo o corpo. Parece que me sentaram em cima de um formigueiro.

LIMOEIRO - Formigas temos que ver agora.

## XX CENA

OS MESMOS, POVO, HENRIQUE, GREGÓRIO, CUSTÓDIO, FLAVIO MARINHO, 1º, 2º E 3º VOTANTE, PÉ-DE-FERRO, RASTEIRA-CERTA, ARRANCA-QUEIXO, SEIS SOLDADOS.

POVO, dentro - Quebra! Quebra! (Ouvem-se tiros dentro da igreja).

PERPÉTUA - Misericórdia!

ROSINHA - Me segurem, que senão eu caio com um ataque! (Sai a urna, carregada pelo povo. Entram todos em grande desordem).

1º VOTANTE - Vamos fazer a eleição em casa do 2º juiz de paz.

3º VOTANTE - Apoiado!

POVO - Vamos! Vamos!

HENRIQUE - Protesto, meus senhores. Deixem-me falar, em nome da lei e das garantias do cidadão, contra este ato iníquo, praticado contra a liberdade do voto.

1º VOTANTE - Fora ô doutorzinho!

LIMOEIRO - Perca-se tudo, senhores, mas solve-se a moralidade pública!

3º VOTANTE - A eleição está viciada!

1º VOTANTE - Levemos a urna para a casa de 2º juiz de paz.

ARRANCA-QUEIXO, PÉ-DE-FERRO E RASTEIRA-CERTA - Não vai! Não vai!

PERPÉTUA - Ai! Ai! Ai! (Cai nos braços de Xico Bento)

XICO BENTO - Ainda mais esta.

ROSINHA - Ui! Ui! Ui! (Cai nos braços de Henrique).

LIMOEIRO - Não derramemos o sangue de irmãos. Faremos outra eleição aqui, e o governo decidirá quem tem razão.

1º VOTANTE - Havemos de ver.

CORO

Conduzamos esta urna

Bem longe da confusão,

Vamos ver outro juiz,

Que presida esta eleição.

LIMOEIRO

Ameaças não me assustam,

Que eu não conto com bravatas;

Façam lá o que quiserem,

Que eu sou forte em duplicatas.

CORO

Conduzamos esta urna

Como se fazia um deputado

Bem longe da confusão,  
Vamos ver outro juiz  
Que presida esta eleição.  
CAI O PANO



Como se fazia um deputado

## TERCEIRO ATO

### I CENA

A mesma cena do primeiro ato; à esquerda uma mesinha com duas cadeiras, e duas xícaras de café.

CENA PRIMEIRA

ROSINHA E PERPÉTUA

ROSINHA, zangada - Eu já não posso aturar este inferno!

PERPÉTUA - Estás doida, menina?

ROSINHA - Ora mamãe, fala porque não ando com o pescoço direito; ora porque estou com a cabeça torta. No outro dia implicou com o meu vestido porque estava muito escorrido; agora porque está muito estufado... Hoje diz que falo assim... amanhã diz que falo assado... Eu não entendo.

PERPÉTUA - Mas não vês, toleirona, que tudo o que te digo é para teu bem; que o senhor Henrique...

ROSINHA - Aí vem a massada do senhor Henrique. Já tardava! Desde que amanhece até que anoitece não se fala em outra coisa. É só seu Henrique! Almoça-se com seu Henrique, janta-se com seu Henrique, ceia-se com seu Henrique... Não sei o que se há de fazer mais com seu Henrique!

PERPÉTUA - Uma menina, que está para tomar estado, minha filha, deve agradar seu noivo.

ROSINHA - Não temos agrados, nem meios agrados. Ele gostou de mim, eu gostei dele, está acabado. Nós vamos casar mesmo.

PERPÉTUA - Não duvido; mas, mesmo depois de casada, terás ainda a obrigação de não aborrecer teu marido.

ROSINHA - Se era preciso tanta historia, porque é que não me avisaram logo? Eu dizia que não e estava tudo acabado.

PERPÉTUA - Mas tu não gostas tanto dele?

ROSINHA - Gosto; porém não é para estarem a todo o momento em cima da gente... endireita esta fita... levanta a cabeça... abaixo o vestido, não pises como periquito, não rias tão alto... que inferno!

PERPÉTUA - Tolinha! Não sabes que a mulher de um doutor, que acaba de ser eleito deputado provincial, e que muito breve será ministro, deve ser uma moça bem educada, bem arranjadinha...

ROSINHA - Aí temos outra! Pois a mulher de um deputado ou ministro não é o mesmo que as outras?

PERPÉTUA - É verdade; porém é uma senhora, que tem o dever de ser amável de dar reuniões em sua casa, de lisonjear uns e outros, e de se apresentar sempre bem.

ROSINHA - Não se incomode; eu hei de saber apresentar-me.

PERPÉTUA - Está bem.

## II CENA

AS MESMAS E LIMOEIRO

LIMOEIRO - Ora vivam. O doutor ainda não chegou?

ROSINHA, contrariada - Ainda não.

LIMOEIRO - Olhem só como ela disse aquele ainda não.

ROSINHA - Ué! Chentes!

LIMOEIRO - Está se lendo mesmo naquela carinha rubicunda: - Tomara que chegue o dia! Tomara já que chegue o dia!

PERPÉTUA - É natural. Quando se ama...

LIMOEIRO - E creia, D.Perpétua, não é por ser o rapaz meu sobrinho, sua filha fica muito bem servida.

PERPÉTUA - E se assim não pensasse, não consentiria em tal união.

LIMOEIRO - Moço, rico, talentoso, deputado provincial aos vinte e quatro anos, futuro representante da nação aos vinte e cinco, futuro ministro aos vinte e seis, futuro chefe de partido aos trinta e futuro senador do império aos quarenta! Quando penso no futuro mais que perfeito que lhe está reservado, quase que enlouqueço de prazer! Olhe, se eu fosse pai, e tivesse seis filhas, dava-as todas.

ROSINHA - Credo!

LIMOEIRO, tirando um jornal do bolso - Vejam o que diz este jornal (Lendo). Parabéns aos nossos coprovincianos. Acaba de se eleito deputado provincial pelo 3º distrito o senhor doutor Henrique da Costa Limoeiro, uma das mais esplêndidas esperanças da sua terra natal. A atitude nobre, sustentada por sua excelência, nas últimas eleições, defendendo o voto livre e as garantias constitucionais contra os bores da anarquia, foi felizmente recompensada pelos dignos eleitores, que souberam colocar-se na altura de tão nobre missão. Hein? O que dizem quanto a isto?

ROSINHA - É por isso que ele está tão cheio de vento.

LIMOEIRO - Como cheio de vento?

ROSINHA - Porque há dois dias que não nos aparece lá em casa.

LIMOEIRO - Pois se o rapaz nem tempo tem para se coçar! Estes dias têm sido poucos para escrever cartas de agradecimento aos eleitores e aos amigos. O tenente-coronel ainda não veio?

PERPÉTUA - Está lá dentro. Menina, vai chamá-lo (Rosinha sai)

Como se fazia um deputado

### III CENA

XICO BENTO, D.PERPÉTUA E LIMOEIRO

LIMOEIRO - D.Perpétua. foi um verdadeiro triunfo!

PERPÉTUA - Mas um triunfo, que nos ia custando bem caro.

LIMOEIRO - Não se apanham trutas a bragas enxutas.

XICO BENTO - Se valis bene, ego quid valis. Como vae esta bizzarria?

LIMOEIRO - Como vê: alegre e satisfeito. Temos que tratar de negócios de alta monta.

XICO BENTO - Senhora D.Perpétua, óculos ruorum.

PERPÉTUA - Tu nunca tiveste segredos para comigo.

LIMOEIRO - A seu tempo sabe-lo-há, minha senhora. (Perpétua sai).

## IV CENA

LIMOEIRO E XICO BENTO

LIMOEIRO - Tenente-coronel, as coisas têm marchado de modo tal que, quando penso nas dificuldades com que lutamos e nos resultados que obtivemos, digo a mim mesmo: "Seu major, você é um homem da pele dos diabos."

XICO BENTO - Pois olhe, eu vi o negócio quase perdido.

LIMOEIRO - Fez-se a duplicata, foi aprovada pelo poder competente, votou o Domingos, o seu compadre votou cinco vezes....

XICO BENTO - Pena foi que não votasse o carcamano.

LIMOEIRO - Mas há de votar na próxima eleição. Instalei-o aqui e já está principiando a tomar língua. O nosso doutor obteve carga cerrada, foi o primeiro deputado da combinação, e talvez seja o presidente da salinha. Que carreira de rapaz, meu Deus!

XICO BENTO - E quanto à deputação geral?

LIMOEIRO - Foi justamente para tratar deste negócio, que vim procurar o meu amigo.

XICO BENTO - O major manda e não pede.

LIMOEIRO - É preciso que combinemos a maneira de arredar qualquer dificuldade. Além do interesse que temos, lá diz o ditado que duas cabeças valem mais do que uma.

XICO BENTO - *Todis capitis, todis sentencie.*

LIMOEIRO - Portanto, é preciso que o tenente-coronel por sua parte escreva aos seus amigos, que eu cá pela minha tratarei de fazer o mesmo. E creia que não tenho coxilado. Veja isto (Mostra o jornal)

XICO BENTO, lendo - Bravo.

LIMOEIRO - Pois olhe, foi feito cá pelo degas e corrigido pelo Custódio, o nosso professor público. Se aquele diabo compreendesse tudo o que lê, ninguém podia com ele.

XICO BENTO - *Legeris et non inteligeris est negligeris.* Pois, meu major, fique sabendo, que não me leva as lampas, porque também mandei escrever o meu artiguito, que a esta hora já deve estar publicado na Voz da Verdade, de que sou humilde assinante. Eis o rascunho.

LIMOEIRO - Leia lá isso, tenente-coronel.

XICO BENTO - *Tu Marcellus eris!*

LIMOEIRO - Marcelo, não. É Henrique.

XICO BENTO - Não, isto é cá o latinório (Lendo). "já não pertence á classe dos homens vulgares o Dr. Henrique da Costa Limoeiro! Sua família..."

LIMOEIRO - Homem, isto está com ares de discurso de defunto.

XICO BENTO - Pois olhe, foi escrito por um homem bem vivo e esperto; pelo nosso vigário! Ouça o resto. (Lendo). "... sua família, transbordando de alegria, por vê-lo no número dos eleitos da província, agradece a todos aqueles que o acompanharam em tão justa quão nobre preensão. Fazemos votos, para que tão pesado encargo lhe seja leve." Hein? Que tal?

LIMOEIRO - O meu está muito melhor. Mas, deixemos o que está feito, e tratemos do que há a fazer. O rapaz é candidato á representação nacional. Segundo o trato que fizemos, ele tem de

## Como se fazia um deputado

ser recomendado por ambos os partidos. O tenente-coronel apresenta-o pelo lado conservador...

XICO BENTO - E o major recomenda-o pelo lado liberal.

LIMOEIRO - Justamente.

XICO BENTO - Mas, pensando bem, o meu amigo não julga que isto poderá comprometer o nosso candidato? Eu achava melhor que ele aceitasse, por ora, um partido-o que está no poder, por exemplo, e que mais tarde, conforme o jeito que as coisas tomassem, ou ficasse naquele, ou fosse para o outro, que tivesse probabilidade de subir.

LIMOEIRO - Tá, tá, tá.

XICO BENTO - Na sua circular ele tem que apresentar um programa. Neste programa há de definir as suas idéias...

LIMOEIRO - E o que têm as idéias com o programa, e o programa com as idéias? Não misture alhos com bogalhos, tenente-coronel, e parta deste principio: O programa é um amontoado de palavras mais ou menos bem combinadas, que têm sempre por fim ocultar aquilo que se pretende fazer.

XICO BENTO - Porém cada partido tem a sua bandeira...

LIMOEIRO - Aqui para nós, que ninguém nos ouve, tenente-coronel, qual é a bandeira do seu?

XICO BENTO - A bandeira do meu é Sim... quero dizer...

LIMOEIRO - Ora eis aí! Está o tenente-coronel com um nó na garganta. Meu amigo, eu não conheço dois entes que mais se assemelhem que um liberal e um conservador. São ambos filhos da mesma mãe, a Sra. D. Conveniência, que tudo governa neste mundo. O quem não pensar assim, deixe a política, vá ser sapateiro.

XICO BENTO - O rapaz, portanto, não se apresentando nem por um lado, nem por outro, fica no meio. Do meio olha para a direita e para a esquerda, sonda as conveniências, e no primeiro partido que subir, encaixa-se muito sorratamente, até que, caindo este, ele possa escorregar para o outro, que for ao poder.

XICO BENTO - Sim, senhor.

LIMOEIRO - Vai ver como as coisas se arranjam. (Assobiando). Domingos? (Entra Domingos). Depressa papel, pena e tinta. (Domingos sai). Sente-se o tenente-coronel ali naquela mesa, e vá escrevendo o que eu for lhe ditando.

XICO BENTO, sentando-se á mesa- Pronto. (Domingos entra e põe o papel, o tinteiro e a pena em cima da mesa e tira as xícaras).

LIMOEIRO - Ilmo Sr., Esta, tem por fim recomendar-lhe muito especialmente o Dr. Henrique da Costa Limoeiro, virgula... que pretende uma cadeira no seio da representação nacional. Ponto.

XICO BENTO - Agora é preciso enumerar as virtudes do doutor, suas aptidões, seu talento brilhante...

LIMOEIRO - Deixe o negócio por minha conta. (Continuando com ênfase). Sim...! não... quero dizer...

XICO BENTO - Em que ficamos? Sim ou não?

LIMOEIRO - Risque este sim.

XICO BENTO - E deixo o não?

LIMOEIRO - Não, risque ambos.

XICO BENTO - Mas eu ainda não escrevi ambos!

LIMOEIRO - Ora... risque tudo.

XICO BENTO - Desde o principio?

LIMOEIRO - Não; o sim e o não.

XICO BENTO - Ah! já sei.

LIMOEIRO, continuando com ênfase. "O Dr. Henrique da Costa Limoeiro é uma destas estrelas luminosas que raiaram... que raiaram...(Mudando de tom) Espera lá, deixe-me ver uma frase, dessas de estrondo. Ah! (Com ênfase). Que raiaram no horizonte do Brasil para mudar a face dos nossos acontecimentos políticos. (Mudando de tom) Bravo, seu Limoeiro. Já escreveu?"

XICO BENTO - Ticos.

LIMOEIRO - Ticos?!

XICO BENTO - Sim, políticos.

LIMOEIRO, com ênfase - Destinado a representar um papel brilhante entre os seus concidadãos, o Dr Henrique Limoeiro promete... (Mudando de tom) Vejamos agora o que ele há de prometer.

XICO BENTO - Ó cópos hic labor esdis.

LIMOEIRO - É preciso que ele prometa o que se pode prometer, sem comprometer-se. Vamos lá (Com ênfase). O Dr Limoeiro promete...

XICO BENTO - Já está escrito.

LIMOEIRO, com ênfase - Retalhar a província...

XICO BENTO - Menos essa!

LIMOEIRO, com ênfase - Com uma grande rede de estradas de ferro, virgula. Bondes..., bibliotecas...

XICO BENTO - Retalhar a província com bibliotecas?

LIMOEIRO - Não; não é isso. (com ênfase) Bondes e estradas vicinais...(Mudando de tom). Aí pode pôr um ponto de admiração. (com ênfase). Proteger a lavoura...

XICO BENTO - E o elemento servil? Aí é que eu quero ver-lhe a habilidade.

LIMOEIRO - Não, não se fala nisto. Deus nos livre. (Continuando). Proteger a lavoura...

XICO BENTO - Já está escrito.

LIMOEIRO - Animar as indústrias, o comércio...

XICO BENTO - Comércio tem vírgula ou dois pontos?

LIMOEIRO - Arrume-lhe ponto e virgula.

LIMOEIRO, continuando - Acorçoar as artes e as letras...

XICO BENTO - A c o có, r o ró ri... Bonito, escrevi caroço.

## Como se fazia um deputado

LIMOEIRO - E a instrução pública, criando escolas noturnas de duas em duas léguas. (Mudando de tom). Isto deve ser grifado.

XICO BENTO - Isto deve ser grifado.

LIMOEIRO - Não, não é isto; não escreva, grife.

XICO BENTO - Grife.

LIMOEIRO - Grifo é isto. (Pega a pena e risca o papel).

XICO BENTO - Então, porque não disse logo: risque por baixo?

LIMOEIRO - Onde é que tínhamos ficado?

XICO BENTO - Criando escolas noturnas de duas em duas léguas. (Em outro tom). Mas para que tanta escola, se não temos gente?

LIMOEIRO - É para acompanhar a moda. (Com ênfase). As suas idéias políticas visam tão somente o progresso do Brasil, escudado na ordem e liberdade bem entendida. (Mudando de tom) Vê isto? Progresso, ordem, liberdade..., liberdade, ordem, progresso. Aí está o programa perfeitamente definido. Agora termine dizendo: O Dr Limoeiro é deputado provincial pelo 3º distrito; espero que o amigos recomende-o a todos os seus amigos e mande-me as suas ordens. Sou etc. Etc. e passe-me para cá, para mandar tirar umas cópias.

XICO BENTO - Que efeito isto não vai produzir entre os conservadores!

LIMOEIRO - Muito maior efeito ainda produzirá no animo dos liberais!

XICO BENTO - Aqui tem. (Dá a Limoeiro).

LIMOEIRO - Agora é não perder tempo.

## V CENA

OS MESMOS E HENRIQUE

HENRIQUE, zangado, com um jornal na mão - Bom dia, meu tio. Como tem passado, Sr. Tenente-coronel?

LIMOEIRO - O que tens? Estás com a cara tão enfarruscada.

HENRIQUE - Veja isto. (Mostra o jornal a Xico Bento).

XICO BENTO, à parte - O meu artigo.

HENRIQUE - Eu só desejava saber qual foi o burro, que escreveu esta série de sandices.

LIMOEIRO, vendo o jornal - Foi o tenente-coronel.

XICO BENTO - Está enganado; não fui eu, foi o vigário.

HENRIQUE - Pois hei de dar-lhe os meus sinceros agradecimentos.

LIMOEIRO - Asneira no caso; vais açular o homem contra ti, e perderás toda a votação do colégio.

HENRIQUE - E que me importa a mim a votação do colégio?

LIMOEIRO - Verdade é que serás bem recomendado pelos outros...

HENRIQUE - Maldita seja a hora em que se lembraram de meter-me em semelhante comédia.

LIMOEIRO - Ô rapaz, tu perdeste o juízo?

HENRIQUE - Acabo de sair dos bancos da academia, do meio de uma mocidade leal e generosa, cheio de crenças, sonhando a felicidade de minha pátria, e eis que de chofre matam-me as ilusões atirando-me no meio da mais horrível das realidades deste país - uma eleição - com todo o seu corteja de infâmias e misérias.

LIMOEIRO - E ainda em cima te revoltas, tu, que começaste por onde os outros acabam!

HENRIQUE - Não comecei, meu tio; acabei: porque o quadro que se desenrolou ante os meus olhos foi de tal natureza, que sufocou-me no peito as aspirações de moço e patriota.

LIMOEIRO - E então, tenente-coronel, o que diz a isto?

XICO BENTO - Estou abismado.

HENRIQUE - Se queriam fazer de mim um político, porque desiludiram-me tão cedo? Porque não deram-me gota a gota o veneno?

LIMOEIRO - Então, não pretendes ir à assembléia?

HENRIQUE - Não, senhor.

LIMOEIRO - Mas, rapaz, como combinar esta série de disparates, que estás dizendo agora, com o que fizeste nas eleições?!

HENRIQUE - Não me recorde esta página negra; foi uma loucura; passou.

LIMOEIRO - Então?

XICO BENTO - Pois o senhor não tem a ambição de representar o seu país?

HENRIQUE - E o senhor chama isto representar o país? O que é que represento? Quais são as

## Como se fazia um deputado

minhas idéias? A que partido estou filiado? Que solução posso dar a todos os grandes problemas sociais que se agitam presentemente?

LIMOEIRO - Porém...

HENRIQUE - Formado apenas a dois meses, sem experiência da vida, sem a mais pequena noção dos negócios públicos, o que vou fazer na Câmara? O papel triste e ridículo de um filhote, apresentado por um tio liberal e um futuro sogro conservador. Que manancial fecundo para os folhetins dos jornais de oposição!

LIMOEIRO - E os outros não começam por filhotes?

## VI CENA

LIMOEIRO, XICO BENTO, HENRIQUE E ROSINHA

ROSINHA - Bom dia, senhor Henrique. Por onde tem andado? Ha dois dias que não o vejo.

HENRIQUE - Não me crimine.

LIMOEIRO, a Henrique - Ainda não foste falar com D.Perpétua. Vai cumprimentá-la, anda.

ROSINHA - Vou chamá-la.

HENRIQUE - Com licença (Sai).

LIMOEIRO, baixo a Xico Bento - Vá também, tenente-coronel; deixe-me só com sua filha.  
(Xico Bento sai).

## VII CENA

LIMOEIRO E ROSINHA

LIMOEIRO - Fique, minha menina, preciso falar-lhe em particular.

ROSINHA - O que quer?

LIMOEIRO - Promete-me que é capaz de fazer uma coisa, que lhe vou pedir?

ROSINHA - Ué chentes! Se eu não sei o que é, como posso prometer?

LIMOEIRO - Trata-se da felicidade da menina, de Henrique, de sua mãe, de seu pai, de mim, de todos nós, enfim.

ROSINHA - Sendo assim, prometo.

LIMOEIRO - Henrique está com os miolos virados e quer, a todo o transe, abandonar a carreira, que tão brilhantemente começa agora.

ROSINHA - Por quê?

LIMOEIRO - Eu lá sei! Porque está com a cabeça cheia de poesia, e entende que este mundo deve ser governado a seu jeito, compete agora à menina, que soube prendê-lo pelos dotes do coração, dissuadí-lo destas tolices e mostrar-lhe o bom caminho.

ROSINHA - Se estiver nas minhas mãos...

LIMOEIRO - Está, está. E a mesma tem também o maior interesse nisto. Irá para a corte, terá ricos vestidos, bonitas jóias, aparecerá nos grandes bailes, freqüentará todos os teatros, divertir-se-á, enfim, como uma verdadeira princesa.

ROSINHA - Ora! Eu ouço dizer que lá na Corte há tanta impostura...

LIMOEIRO - Isto dizem, da boca para fora, aqueles que lá vão sem dinheiro, e que não podem gozar de todos os encantos de uma grande capital.

ROSINHA - Mas lá há mesmo muitos bailes?

LIMOEIRO - A menina faz lá idéia! São cinco e seis por dia!

ROSINHA - Muitos teatros?

LIMOEIRO - Não têm conta.

ROSINHA - Há cavalinhos também?

LIMOEIRO - Há tudo, tudo; não falta nada. Além disso, andaré de carruagem, puxada por lindos cavalos...

ROSINHA - Chii!! Deve ser muito bom! Se a gente no carro de boi vai tão a seu gosto, quanto mais numa carruagem!

LIMOEIRO - E que carruagem! Toda envernizada, com quatro rodas, estofada de seda...

ROSINHA - Que belo!

LIMOEIRO - E a rua do Ouvidor?

ROSINHA - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr a gente de queixo caído.

LIMOEIRO - É um céu aberto! De noite, então, nem falemos. É clara como o dia, e tem mais gente que o arraial no dia da festa de Santo Antônio. A menina só de braço com seu marido,

para baixo e para cima, a comprar uma jóia aqui, ali um vestido, acolá um chapéu, e todos a perguntarem: Quem é aquela moça? Que peixão! Pois não conheces? É a mulher do deputado Limoeiro. Há nada que pague isto?

ROSINHA - Eu quero ir para a Corte, eu quero ir para a Corte! Nunca ninguém falou-me deste modo.

LIMOEIRO - É porque nunca disseram-lhe a verdade.

ROSINHA - Vou já falar com Henrique, e não sossego, enquanto ele não prometer-me que há de ir para o Rio de Janeiro.

LIMOEIRO - Como deputado, está visto.

ROSINHA - Aí vem ele.

LIMOEIRO - Aperte-o (Sai).

Como se fazia um deputado

## VIII CENA

ROSINHA E HENRIQUE

HENRIQUE - Esperava-a lá dentro; não sei porque não veio ver-me.

ROSINHA - Conversava com seu tio.

HENRIQUE - E o que lhe disse ele?

ROSINHA - Falava do senhor, como sempre.

HENRIQUE - Porque trata-me por senhor, quando nossas almas terão de unir-se dentro em pouco, na mais completa intimidade?

ROSINHA - É porque a gente tem vergonha.

HENRIQUE - Se tu soubesses como me cativas de dia em dia com esta singeleza!

ROSINHA - É que eu sou uma pobre moça da roça, não tenho educação...

HENRIQUE - E que importa a educação, quando Deus mimoseou-te com todos os predicados de um anjo!

ROSINHA - Ora está; eu sinto o mesmo que o senhor sente; mas infelizmente não posso dizer tanta coisa bonita.

HENRIQUE - Mas tu falar com o coração, e eu sinto-lhe o perfume na candura de tuas expressões.

ROSINHA - O senhor ama-me muito?

HENRIQUE - Ainda o duvidas?

ROSINHA - É capaz de fazer uma coisa que lhe vou pedir?

HENRIQUE - O que pedirás tu, que eu não deva fazer?

ROSINHA - Veja bem; promete?

HENRIQUE - Prometo e até juro.

ROSINHA - Eu queria ir para a Corte.

HENRIQUE - E que dúvida há nisto? Pensas por ventura que desejo enterrar a tua e a minha mocidade nestas brenhas? Passaremos aqui a nossa lua de mel; partiremos depois para o Rio de Janeiro, e mais tarde iremos ver o velho mundo, que é o objeto constante dos meus sonhos.

ROSINHA - Há, porém, uma condição em tudo isso.

HENRIQUE - Qual é?

ROSINHA - É que desejo ir como a mulher do senhor deputado Limoeiro.

HENRIQUE - Porque me falar de política, quando falo-te de amor?

ROSINHA - Porque a política dar-te-á a posição, e eu quero ver-te um grande homem.

HENRIQUE - Compreendo. Meu tio, depois de haver tentado plantar em meu peito a ambição, procura agora arraigar no teu a vaidade! Se o não estimasse como um verdadeiro pai, e se não visse que tudo quanto ele tem feito é com as melhores intenções, diria que a serpente procura Eva para tentar Adão.

## IX CENA

OS MESMOS E LIMOEIRO, que deve estar ouvindo ao fundo.

ROSINHA - Lembre-se, porém, que prometeu...

HENRIQUE - E a minha palavra não volta atrás. Partirei como deputado, e envidarei todos os esforços para bem cumprir os meus deveres.

LIMOEIRO, ao fundo - Bravo!

HENRIQUE - Levo, porém, Dona, deste já, a convicção de que a descrença, mais tarde ou mais cedo, far-me-á tragar a taça dos dissabores. E então para onde apelar?

ROSINHA - Para este coração, que te adora.

HENRIQUE, abraçando-a - Rosinha, és um anjo!

LIMOEIRO - Vitória! Vitória!

Como se fazia um deputado

## X CENA

XICO BENTO, PERPÉTUA, LIMOEIRO, HENRIQUE E ROSINHA.

XICO BENTO - Que alegria é esta, major?!

LIMOEIRO - Veja aquele quadro; o rapaz está ali, está deputado.

XICO BENTO - Peço a palavra, pela ordem.

HENRIQUE, rindo - Tem a palavra o tenente-coronel Xico Bento.

XICO BENTO - Senhor Presidente, pedi a palavra para dizer...

LIMOEIRO - Apoiado! (Ouve-se dentro o som de uma banda de música).

PERPETUA - Que música é esta?

LIMOEIRO - Uma manifestação ao nosso deputado.

## XI CENA

OS MESMOS, CUSTÓDIO, FLAVIO MARINHO, ARRANCA-QUEIXO, RASTEIRA-CERTA, PASCHOAL BASILICATA, 1º VOTANTE, 2º VOTANTE, e mais pessoas do povo, precedidas de uma banda de música e foguetes.

CUSTÓDIO- Viva o Dr. Limoeiro!

TODOS- Viva!

FLAVIO- Viva o legitimo deputado!

TODOS- Viva!

CUSTÓDIO- Meus senhores. Este dia assinala uma época gloriosa nos fastos...

FLAVIO, baixo, lendo um papel, por detrás de Custódio - Nos fastos da nossa história.

CUSTÓDIO- Nos fastos da nossa historia. Sois vós o nosso legítimo representante, a nossa glória, o nosso porvir. Avante, cidadão prestimoso...

FLAVIO, baixo - Não; não é isto. Ah! É, é.

CUSTÓDIO - E que as benções da pátria caiam sobre vós. Viva o Dr. Limoeiro!

TODOS- Viva!

Como se fazia um deputado

## XII CENA

OS MESMOS E DOMINGOS

DOMINGOS - Meu sinhô; si vosmecê nos dá licença, nós vem saudar também o sinhosinho com a nossa festa.

LIMOEIRO - Chegaste a propósito. (Com ar solene). Domingos, de hoje em diante serás um cidadão livre. Aqui tens a tua carta, e na minha fazenda encontrarás o pão e o trabalho que nobilita.

DOMINGOS, ajoelhando-se e abraçando as pernas de Limoeiro - Meu senhor!

LIMOEIRO - Levanta-te (Levanta-o e dá-lhe um abraço) Venha agora à festa. (Entram os negros e negras e dançam o batuque).

FIM



Como se fazia um deputado